



LEOPOLDINA

independência e morte





LEOPOLDINA

independência E morte

Leopoldina Sara Antunes
José Bonifácio Plínio Soares
Musicista (flauta e cello) Ana Eliza Colomar

Diretor artístico e autor do texto Marcos Damigo
Diretora e designer de produção Fernanda Moura
Consultor histórico Paulo Rezzutti

Figurinos Cássio Brasil
Cabelo e maquiagem Otávio Maciel Gonçalves
Iluminação no teatro Aline Santini
Trilha sonora Ana Eliza Colomar e Nivaldo Godoy
Assistente de direção e produção Vítor Gabriel
Intérprete de Libras Elaine Sampaio

Produção audiovisual Central SP Produções
Diretor/editor Alexandre Leal
Diretor de fotografia e câmera Jones Kiwara
2ª câmera e fotografia still Josemar Gouveia
Áudio Wagner Pulga
Produção Orlando Chavatta

Artes visuais PrisLo
Design gráfico e desenvolvimento web Ramon Jardim
Assessoria de comunicação Agência Fervo - Priscila Cotta,
Teresa Harari e Fabiana Cardoso
Clipping Ferba Comunicação - Priscila Basílio
Assessoria jurídica e administrativa Mariana de Castro

Produção e coordenação geral de projeto Palimpsesto Produções Artísticas

Este projeto foi viabilizado por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei 14.017/20 do Governo Federal), através do PROAC - Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.





Leopoldina, Independência e Morte é um sonho antigo: demorou mais de vinte anos para ser realizado. Em 2015, depois de um longo tempo na gaveta dos desejos guardados, e vislumbrando a aproximação dos duzentos anos da chegada de Leopoldina ao Brasil em 2017, imaginei que seria uma boa oportunidade para olhar para sua vida e legado.

Com a primeira versão do texto esboçada (que viria a passar por inúmeras revisões), começamos a montar a equipe de criação e buscar as condições para viabilizar a montagem da peça. Até que, em setembro de 2017, fomos convidados a participar de uma série de atividades relacionadas às comemorações da independência do Brasil no Museu do Ipiranga, em parceria com o SESC. Para isto, escolhemos mostrar apenas a terceira cena da peça, com a atriz Fabiana Gugli percorrendo os jardins do Museu do Ipiranga em meio ao público. Devido ao sucesso desse primeiro estudo aberto, surgiu a oportunidade de comemorar efetivamente os duzentos anos da chegada de Leopoldina ao Brasil em um segundo estudo, viabilizado pelo SESC Ipiranga, desta vez no saguão do Museu Paulista, que estava (e ainda está) fechado devido à falta de recursos para a manutenção adequada do prédio histórico que o abriga. Fizemos então uma versão com a primeira e a terceira cenas, e uma musicista, Ana Eliza Colomar, acompanhando a atriz na flauta transversal e no violoncelo. Fomos surpreendidos por uma recepção tão entusiasmada do público que tivemos que abrir sessões extras.

Essas pequenas vitórias foram fundamentais para que pudéssemos finalmente estreiar a obra completa, com as três cenas que eu havia escrito originalmente, no palco do teatro do Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo em maio de 2018. E cada apresentação, cada reestrela, era uma oportunidade para atualizar certas questões, rever trechos do texto à luz de novos entendimentos que se abriam no encontro com os públicos de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, em temporadas viabilizadas com recursos do Centro Cultural Banco do Brasil nas três cidades.

No Rio de Janeiro, no início de 2020, tivemos uma temporada tão potente que decidimos arriscar algumas economias guardadas ao longo das temporadas anteriores e estreiar num teatro privado, o Petra Gold, no bairro do Leblon. A estreia se deu no dia 7 de março, mas foi interrompida antes da segunda semana com o decreto municipal de fechamento dos teatros devido à pandemia de Covid.

Numa parceria com a TV Brasil, ainda conseguimos veicular gratuitamente uma gravação do espetáculo, possibilitando que pessoas de outras cidades do país (e de outros lugares do mundo) pudessem nos assistir.

Os artistas e técnicos das artes da cena (teatro, música, dança e circo) foram dos grupos mais afetados pela pandemia, os primeiros a interromper as atividades e provavelmente os últimos a retornar. Agora, através da Lei Aldir Blanc, fruto de grande mobilização da classe artística, muitas iniciativas estão conseguindo ser viabilizadas. Isso é bom para os profissionais, que ganham algum fôlego para atravessar este difícil momento, e para o público em geral também, que ganha acesso a trabalhos pensados para esse contexto de isolamento social.



Para nossa equipe, que sempre esteve engajada em buscar a máxima potência no encontro com você, espectador, esta é uma nova oportunidade. Além de simplesmente veicular uma versão gravada da peça, optamos por investigar esse lugar estranho, que não é nem teatro nem cinema. Se por um lado não temos o calor humano da presença que tanto alimentou este trabalho desde o primeiro encontro com o público em 2017, temos agora outros recursos para nos auxiliar.

Foi nesse sentido que, ao invés de veicular uma versão gravada em teatro, optamos por recriar as três cenas em espaços que dialogassem com o texto de cada uma delas. A natureza, tão cara a Leopoldina, passa a ser quase um personagem com quem ela dialoga na primeira cena, gravada no Parque Estadual da Cantareira. O delírio da terceira cena ganha concretude com a possibilidade da edição de imagens e do uso de efeitos sonoros e visuais.

Esperamos assim contribuir para tornar este momento tão difícil em uma oportunidade também para que nós, brasileiros e brasileiras, tenhamos a coragem de encarar nossos problemas e, quem sabe, construir uma sociedade mais justa e fraterna.

Marcos Damigo
autor e diretor
São Paulo, fevereiro de 2021



“P



Para entender a transformação sofrida por Leopoldina no Brasil é preciso pensar na princesa não só como estrangeira mas como exilada. (...) Era como estar afastada de si mesma. Ela se esforçava para cumprir seu dever, como um modo de ainda conservar o que considerava o melhor de si. (...) Ainda ficava satisfeita em ocupar a posição infantil de menina obediente, ainda preferia alienar-se de sua própria condição para satisfazer o desejo de um outro, um outro do sexo masculino, tanto faz se o marido ou o pai, desde que estivesse em posição de autoridade diante dela, que lhe dissesse o que fazer, que aprovasse seu sacrifício.

Suas tentativas de se conformar com a infelicidade são comoventes. Fez o possível para acreditar no amor do marido, ao qual tentou corresponder cumprindo seus deveres. A maternidade também foi uma grande compensação e fonte de verdadeira alegria.

No ano de 1821 Leopoldina começou efetivamente a se transformar: de princesa a imperatriz, de austríaca a brasileira (o que teria lhe custado grande esforço e muitas renúncias), de esposa submissa a conselheira do imperador, de filha obediente a senhora de seus atos e de suas opiniões. (...) Era também muito mais conservadora, mas neste ponto podemos observar uma transformação interessante: à medida que se viu forçada a abandonar, com muito pesar, seu sonho persistente de voltar à Europa, à medida que percebeu que estava abandonada à própria sorte, (...) Leopoldina foi se declarando cada vez mais brasileira e, aos poucos, cada vez mais liberal.

Depois do Dia do Fico, Leopoldina viu-se verdadeiramente sozinha; seu destino estava por sua conta. Cabia a ela suprir o despreparo de Pedro, aconselhá-lo, escrever seus discursos, buscar aliados confiáveis.



Mas a paixão de D. Pedro por Domitila de Castro desmoralizou sua posição de esposa oficial. (...) A posição de esposa e o cargo de imperatriz não ofereciam mais nenhuma segurança a Leopoldina diante da paixão cega do marido e dos escândalos de Domitila. A humilhação tornou-se pública.

D. Pedro continuava dependendo de Leopoldina; ela o orientava politicamente, comunicava-se com representantes de países estrangeiros com mais desenvoltura, falava mais línguas e era mais culta do que ele. Mas Pedro vingava-se da superioridade da esposa desmoralizando-a como mulher. Leopoldina não era bonita nem sedutora; esteve grávida por nove vezes, teve três abortos, perdeu um filho pequeno. Aos vinte e poucos anos era uma mulher envelhecida, deprimida e pouco vaidosa.

A dor diante da partida da filha bem-amada com destino a um casamento arranjado de acordo com conveniências de duas cortes, repetição precoce de sua própria história, fez com que Leopoldina entendesse dramaticamente, dois meses antes de morrer, a sua própria condição.

O esforço da primeira imperatriz do Brasil em tornar-se sujeito de sua própria vida e da história política de seu país de adoção não foi suficiente para apagar a condição a que ela estava destinada. Uma mulher de origem nobre nasce para servir de moeda de troca entre os poderosos.”

Trechos do artigo escrito por Maria Rita Kehl, intitulado “Leopoldina, ensaio para um perfil”, publicado no livro “D. Leopoldina - Cartas de uma imperatriz”,



A vida de Leopoldina.

Os três fragmentos destacados referem-se aos momentos da vida de Leopoldina no Brasil retratados no espetáculo.

Fim da Revolução Francesa e início da ascensão de Napoleão, ambos em novembro
1799

Desembarque da princesa Leopoldina por Jean-Baptiste Debret, 1817 (Museu do Acervo)



Chega ao Rio de Janeiro, em novembro, aos 19 anos
1817

PRIMEIRO FRAGMENTO: Leopoldina descobre que está grávida em agosto

Nasce seu segundo filho, João Carlos, em março
Retorno de Dom João VI a Portugal, em abril
1821

Domitila de Jancin
Nasce sua Mariana,
José Bonifácio Ministéri jornal de O Tamoy primeira

SEGUNDO FRAGMENTO: Bonifácio ao saber de dois conv independent novembro

1823

*

1807
Fuga da família imperial portuguesa para o Brasil, em novembro

1815
Termina o Congresso de Viena, em junho
Napoleão é preso e exilado, em outubro

1819
Nasce sua primeira filha, Maria da Glória, em abril

1822
Dia do Fico, em janeiro



1797
Leopoldina nasce no dia 22 de janeiro em Viena, Áustria



Mapa da Europa Central em 1787 (Cambridge Modern History Atlas)

1808
Fundação do Banco do Brasil, em outubro

Banco do Brasil S.A.



Morre João Carlos, em fevereiro
Nasce sua terceira filha, Januária
Pedro nomeia Leopoldina regente

Leopoldina reúne o Conselho declara a independência do Brasil



Pedro recebe as cartas de Leopoldina em 07 de setembro perto do riacho

muda-se para o Rio de Janeiro, em janeiro

Nasce a quarta filha, Paula, em fevereiro

Dom Pedro I se demite do cargo, em julho, e cria um movimento de oposição chamado "Cabanos", que circulou pela primeira vez em agosto

PRIMEIRO FRAGMENTO: Dom Pedro I procura Leopoldina para se casar e os dois embarcam sobre a independência do Brasil, em setembro

Nasce a primeira filha de Domitila com Pedro, Isabel Maria, em maio

Leopoldina recebe a primeira carta de seu pai após a independência do Brasil, em julho

Nasce sua quinta filha, Francisca Carolina, em agosto

1824

Domitila é nomeada primeira camareira de Leopoldina, em abril

Portugal reconhece a independência do Brasil mediante assunção de sua dívida com a Inglaterra, em agosto

Nasce seu sexto filho, Pedro de Alcântara, futuro Pedro II, em dezembro

Nasce o segundo filho de Domitila com Pedro, Pedro de Alcântara Brasileiro, também em dezembro

1825



Dr. Leopoldina de Habsburgo e seus filhos por Domenico Faludi, 1821 (Arquivo do Museu Paulista da USP)

Foto por Francisco Proser



O Museu Nacional, no Rio de Janeiro - antigo Palácio da Boa Vista, residência de Leopoldina - é destruído por um incêndio no mesmo dia 02 de setembro

2018

Coroação de D. Pedro I por Jean-Baptiste Debret, 1822 (Museu Nacional de Belas Artes)

Nasce a filha Maria, em março

Leopoldina parte para São Paulo, em agosto

Leopoldina assume o cargo de Regente do Estado e preside a sessão que declara a Independência do Brasil no dia 02 de setembro

Sessão do Conselho de Estado por Georgina de Albuquerque, 1822 (Museu Histórico Nacional/IBRAM/INIC)

Leopoldina e José Bonifácio no dia 13 de setembro do Ipiranga

1826

Pedro vai para a Guerra Cisplatina, em novembro

Leopoldina sofre um aborto no dia 02 de dezembro

TERCEIRO FRAGMENTO: em um delírio, Leopoldina discorre sobre eventos passados e futuros

Leopoldina falece no dia 11 de dezembro, aos 29 anos, e é sepultada no Convento da Ajuda, Rio de Janeiro



Monumento e comboio fúnebre da imperatriz Leopoldina por Jean-Baptiste Debret e Théry Frères, 1826

1911

Com a demolição do convento, seus despojos são transferidos para o Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro

1954

Seus despojos são transferidos para a Capela Imperial, sob o Edifício-Monumento à Independência, em São Paulo, onde permanecem até hoje, ao lado dos restos mortais de Dom Pedro I e de sua segunda esposa, Dona Amélia, transferidos para lá em 1972 e 1982, respectivamente

Edifício-Monumento à Independência Divulgação





Glossário

Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena (Viena, 22/01/1797 – Rio de Janeiro, 11/12/1826): membro de uma das mais antigas dinastias da Europa, que reinou sem interrupções do século XIII ao XX. Casou-se por procuração com Dom Pedro I e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1817.

Participou ativamente da independência do Brasil, o que lhe valeu o isolamento da família. Morreu aos vinte e nove anos, após engravidar nove vezes e dar à luz cinco filhos, entre eles Pedro II, o futuro imperador do Brasil.

Foi a primeira mulher a se tornar chefe de Estado no Brasil, governando como regente interina com plenos poderes em duas ocasiões: 1822, quando Pedro viaja para São Paulo e ela reúne o conselho de Estado para decidir pela independência do Brasil, e em 1826, quando Pedro viaja para a Guerra da Cisplatina, apesar dela estar já bastante doente.



José Bonifácio de Andrada e Silva (Santos, 13/06/1763 - Niterói, 06/04/1838): Naturalista, estadista e poeta brasileiro, principal ministro do período em que o Brasil se tornou independente (janeiro de 1822 a julho de 1823). Em novembro de 1823 foi exilado e viveu na França por seis anos. De volta ao Brasil, assumiu a tutoria de Pedro II (1831-1833). Como naturalista, descobriu quatro minerais, incluindo a petalita, que mais tarde permitiria a descoberta do lítio, e a andradita, batizada em sua homenagem.



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim (Queluz, 12/10/1798 - Queluz, 24/09/1834): primeiro imperador do Brasil (1822-1831), filho do rei João VI de Portugal e da rainha Carlota Joaquina da Espanha, veio para o Brasil com nove anos. Em 1820, com a volta de Dom João VI para Portugal, fica no Brasil como príncipe regente. Em 1831 abdicou do trono em favor de seu filho Pedro II e partiu para Portugal, onde faleceu aos trinta e cinco anos de tuberculose.

Domitila de Castro Canto e Mello (São Paulo, 27/12/1797 - São Paulo, 03/11/1867): amante de Dom Pedro I entre 1822 e 1829, que lhe conferiu o título de Marquesa de Santos em 1826. Casou-se aos quinze anos com um homem violento, de quem se divorciou em 1824. Conheceu Dom Pedro em 1822, dias antes da proclamação da independência do Brasil. Quando se muda para o Rio de Janeiro em 1823, passa a ganhar cada vez mais notoriedade e poder. Iniciou uma nova relação com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar em 1833 (1794-1857), político e fazendeiro sorocabano, com quem se casou em 1842.

Maria Luísa de Áustria (Viena, 12 de dezembro de 1791 - Parma, 17 de dezembro de 1847), irmã de Leopoldina, casou-se por procuração com Napoleão Bonaparte, o maior inimigo da casa de Habsburgo, em 11 de março de 1810, quando tinha dezoito anos de idade. Seu matrimônio foi uma aliança política entre o império francês e o império austríaco que assegurava um período de trégua. Teve um único filho com Napoleão, o futuro Napoleão II.





Napoleão Bonaparte (Ajaccio, 15/08/1769 – Santa Helena, 05/05/1821): líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa e imperador dos franceses que governou de 1804 a 1815. Através das guerras napoleônicas, foi responsável por estabelecer a hegemonia francesa sobre a maior parte da Europa. Invadiu Portugal em 1808, provocando a fuga da família imperial portuguesa para o Brasil.



Carlota Joaquina Teresa Caetana de Bourbon e Bragança (Aranjuez, 25 de abril de 1775 – Queluz, 7 de janeiro de 1830) - mãe de D. Pedro I, era uma infanta da Espanha e casou-se com o rei português D. João VI como forma de manter laços entre as duas coroas - ela tinha dez anos e o rei dezesseis, em 8 de Maio de 1785. Teve nove filhos, dos quais oito chegaram à fase adulta. Morreu em Portugal, no Palácio de Queluz, em 1830, aos 54 anos.

João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael de Bragança (Lisboa, 13 de maio de 1767 – Lisboa, 10 de março de 1826). pai de D. Pedro I, cognominado O Clemente, D. João VI foi rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves de 1816 a 1822. Não esperava vir a ser rei, só tendo ascendido à posição de herdeiro da Coroa pela morte do seu irmão mais velho, D. José. Durante seu reinado, transfere a corte portuguesa para o Brasil após a invasão da França em Portugal. Faleceu no Paço da Bemposta em Lisboa no dia 10 de Março de 1826 envenenado.



Assembleia Constituinte de 1823: a primeira Assembleia Constituinte do Brasil foi instalada em 3 de maio de 1823 e encerrada por Dom Pedro I em novembro de 1823, no episódio conhecido como "a noite da agonia", quando José Bonifácio é preso e exilado para a Europa. A primeira Constituição brasileira foi outorgada por Dom Pedro I em março de 1824.

Congresso de Viena (1814-1815): conferência entre governantes de países europeus na capital austríaca cuja intenção era redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica e restaurar a ordem absolutista do Antigo Regime.

Revolução francesa (1789-1799): período de intensa agitação política e social cujo lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" afetou profundamente o mundo a partir de então. Acabou com a monarquia, abalou as estruturas da aristocracia e do clero na França, e executou várias pessoas, entre elas Maria Antonieta, rainha da França e tia-avó de Leopoldina.





Independência ou Morte é uma pintura do artista brasileiro Pedro Américo confeccionada entre 1886 e 1888 em Florença, na Itália, e considerada a representação mais consagrada e difundida do momento da independência, apesar de não retratar com fidelidade histórica o momento em que Dom Pedro I recebe as cartas de Leopoldina e José Bonifácio perto do riacho do Ipiranga em São Paulo.

Independência do Brasil (1821-1825): processo que se iniciou quando as Cortes Portuguesas quiseram reduzir novamente o Brasil ao seu antigo estatuto colonial. Proclamada a independência em setembro de 1822, Portugal apenas reconheceria o Brasil como nação em agosto de 1825. Várias revoltas foram violentamente combatidas em diferentes locais como Bahia, Maranhão, Piauí e Pará, nos quais parte da elite permaneceu fiel a Portugal.

Cortes Portuguesas: parlamento criado na sequência da Revolução Liberal do Porto (1820-1822), quando as tropas napoleônicas foram derrotadas em Portugal, formada pela burguesia que exigia o fim da Monarquia Absolutista, a criação de uma Constituição e o retorno da família imperial, sediada no Brasil desde 1808, além da obediência direta das províncias brasileiras sem um governo próprio, provocando a crise que culmina na independência do Brasil.

Guerra da Cisplatina (1825-1828): conflito entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, que culminou com a independência da Província Cisplatina, atual Uruguai. Quando Leopoldina faleceu em dezembro de 1826, Dom Pedro I estava voltando do sul do país para onde havia ido levar tropas e melhorar o ânimo do exército.

Monarquia: sistema de governo onde, salvo exceções, o chefe de Estado recebe o poder por hereditariedade. Na Monarquia Absolutista o rei exerce o poder absoluto, isto é, independente e superior ao poder de outros órgãos do Estado. Na Monarquia Constitucional, o rei é chefe do Estado mas há uma Constituição que limita seus poderes, e a chefia de Governo é exercida por um primeiro-ministro, por um presidente do conselho de ministros ou pelo presidente do governo.



LEOPOLDINA

independência E morte ..

@leopoldinaindependenciaemorte

PRODUÇÃO



AUDIOVISUAL APOIO



REALIZAÇÃO

Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente

Secretaria de Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

